

Nome científico	Abutilon theophrasti Medik
Nome vulgar	
Família	Malvacea Juss
Ecologia da espécie	Floresce e amadurece no verão. Sementes com Grande longevidade, que se mantêm viáveis no solo durante 50 anos, produzindo uma "nascencia escalonada", o que dificulta o seu controlo. As plântulas apresentam uma taxa de sobrevivência muito elevada, superior a 55 % e a planta um Grande vigor vegetativo durante todo o ciclo de vida. Produz uma Grande quantidade de semente, + de 3.000 por planta. Aparece como infestante nos campos de agrícolas. A sua disseminação é facilitada através do pastoreio e das ceifeiras.
Distribuição natural	Sul da Ásia
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Europa do Sul
Distribuição em Portugal	Bacia do Tejo
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	Cultivada para fins ornamentais e medicinais, fonte de fibras
Impactos da introdução	Os efeitos nocivos desta espécie não são tanto ambientais, mas sim económico. Resistente a Grande parte herbicidas utilizados na cultura do milho, sendo aqueles a que não é resistente são nocivos para o ambiente. Por enquanto apenas aparece em ambientes humanizados que não sejam cultivados, ocasionalmente encontra-se em ecossistemas ribeirinhos, o que a torna mais perigosa pela sua alta capacidade invasora
Características que facilitam a invasão	Sementes com Grande longevidade, que se mantêm viáveis no solo durante 50 anos, produzindo uma "nascencia escalonada", o que dificulta o seu controlo. As plântulas apresentam uma taxa de sobrevivência muito elevada, superior a 55 % e a planta um Grande vigor vegetativo durante todo o ciclo de vida. Produz uma Grande quantidade de semente, + de 3.000 por planta
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Gomes, C. J. P., Ferreira, R. J. P. P. (2000) - Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio (távira-Portimão), edi. CCDR-Algarve. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	http://www.Invasive.org/weeds/asian/abutilon.pdf

Nome científico	<i>Acacia spp.</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Fabaceae</i>
Ecologia da espécie	Algumas espécies rebentam de touça e de raiz (ex: <i>Acacia dealbata</i> Link, <i>Acacia melanoxylon</i> R. Br.). Produz grande quantidade de sementes. Forma povoamentos densos que impedem o desenvolvimento das espécies autóctones. A germinação das sementes é estimulada pelo fogo (ex: <i>Acacia saligna</i> (Labill.) H. Wendl.). Existem estudos que referem que possuiu efeitos alelopáticos que inibem o crescimento das espécies autóctones. As sementes de algumas espécies são viáveis durante muito tempo (ex: <i>Acacia karoo</i> Hayne, <i>Acacia longifolia</i> (Andrews) Willd. <i>Acacia mearnsii</i> De Wild. <i>Acácia melanoxylon</i> R. Br.). Subsistem em diversos tipos de habitat e substratos. Fixadora de azoto no solo. A dispersão de sementes de algumas espécies pode ser feita pelo vento, ou pela fauna (ex: <i>Acacia melanoxylon</i> R. Br.). As acácias, na sua generalidade, invadem grandes áreas de terreno, contribuindo assim, para a perda de biodiversidade.
Distribuição natural	Sudoeste da Austrália, Tasmânia e África do Sul
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	África do Sul, Nova Zelândia, Califórnia, Havai, Índia, Argentina, Chile, Sudoeste da Europa (Portugal, Espanha, Itália, França, Grã Bretanha) Israel, Sicília, Sardenha, Canadá,
Distribuição em Portugal	Todo o país
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental, sebes, florestal
Impactos da introdução	As acácias, na sua generalidade, invadem grandes áreas de terreno, contribuindo assim, para a perda de biodiversidade
Características que facilitam a invasão	Grande produção de sementes, longevidade das sementes em dormência, bem adaptadas a diversos tipos de solos. Reprodução vegetativa por rebentamento de touça e de raiz.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista negra preliminar de EEI cuja erradicação é urgente em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra . Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Acer negundo</i> L.
Nome vulgar	Pau-ferro; bordo-negundo; ácer-negundo
Família	<i>Aceraceae</i> Juss.
Ecologia da espécie	Desenvolve-se melhor em solos siliciosos frescos, na vizinhança de cursos de água, embora vegete bem em solos secos pedregosos. Flores unissexuais, que se desenvolvem antes das folhas; fruto, dupla sâmara com asas em ângulo agudo e semente mais longa do que as outras espécies; estes frutos permanecem nos ramos após a queda das folhas. Floresce de Março a Abril. Em solos húmidos pode adquirir carácter invasor
Distribuição natural	América do Norte
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Encontra-se naturalizada com carácter invasor em diversos países do centro e s da Europa (Áustria, Polónia, Suíça, Eslováquia, Bélgica, Reino Unido, França, Itália, Portugal, Espanha, Malta e Creta)
Distribuição em Portugal	Naturalizado em Trás-os-Montes, Douro Litoral, Ribatejo e Tejo interior
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	Utilizada como ornamental e na arborização urbana. Muito resistente à seca. A madeira é utilizada para mobiliário, instrumentos musicais e pasta de papel. Suspeita-se que a sua introdução em Portugal se tenha dado através das águas do Tejo
Impactos da introdução	Prejudica a regeneração natural das outras espécies autóctones
Características que facilitam a invasão	Dispersão das sementes pelo vento e água; Grande facilidade de adaptação a atmosferas contaminadas
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha
Bibliografia consultada	Bingre P, aguiar C, espirito-Santo d, Arsénio P & Monteiro-Henriques T [Coord.s Cient.]. (2007): <i>guia de Campo - As árvores e os arbustos de Portugal continental</i> . 462 pp. In vol. IX dea Sande Silva J [Coord. Ed.] (2007): <i>coleção Árvores e Florestas de Portugal</i> . Jornal Público/ Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento/ Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa. 9 vols.; SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Agave americana</i>
Nome vulgar	Piteira; Aloé-dos-100-anos
Família	Agavaceae Endl./ Commelinaceae
Ecologia da espécie	Floresce de Julho a Setembro; reproduz-se assexuadamente através de rizomas de onde se desenvolvem abundantes rosetas; necessita de solos bem drenados e boa exposição solar; É muito resistente à seca e a altas temperaturas; suporta geadas ligeiras e pouco frequentes
Distribuição natural	México,
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Sul e Oeste dos Estados Unidos e na América do Sul, Central e Tropical
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Cultivada para fins ornamentais e medicinais, fonte de fibras
Impactos da introdução	Ocupação dos habitats de espécies autóctones
Características que facilitam a invasão	Reprodução assexuada através de rizomas, do qual rebentam diversas rosetas; grande adaptabilidade; resistência à seca, altas temperaturas. Suporta geadas ligeiras e pouco frequentes
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha; Lista negra preliminar de EEI para Espanha; Lista preliminar de EEI, cuja erradicação é recomendável em situações particulares.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	http://pt.wikipedia.org/wiki/Agave_americana

Nome científico	<i>Albizzia julibrissin</i>
Nome vulgar	Albízia-de-constantinopla
Família	<i>Fabaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	Da Pérsia ao Japão
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental, arborização urbana
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha; Lista negra preliminar de EEI para Espanha; Lista preliminar de EEI, cuja erradicação é recomendável em situações particulares.
Bibliografia consultada	Bingre P, aguiar C, espirito-Santo d, Arsénio P & Monteiro-Henriques T [Coord.s Cient.]. (2007): guia de Campo - As árvores e os arbustos de Portugal continental. 462 pp. In vol. IX de a Sande Silva J [Coord. Ed.] (2007): coleção Árvores e Florestas de Portugal. Jornal Público/ Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento/ Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa. 9 vols.; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministerio de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Ailanthus altissima</i>
Nome vulgar	Ailanto; Espanta-lobos, Árvore-do-céu
Família	<i>Simaroubaceaceae</i>
Ecologia da espécie	Grande produção de sementes, polinização e disseminação pelo vento ou pela água. Grande capacidade de germinação. Espécie de crescimento rápido. A espécie desenvolve-se sobretudo em ambientes perturbados, como antigos caminhos, margens das estradas, áreas agrícolas abandonadas, antigas minas, etc, mas também em ambientes abertos e ecossistemas ripícolas. Muito pouco exigente, tolera solos ácidos, muito resistentes ao frio, à seca e à poluição atmosférica.
Distribuição natural	China
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Continente Americano, Europa
Distribuição em Portugal	Todo o País
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Arborização
Impactos da introdução	Formação de um tapete de plantas que impedem o desenvolvimento de espécie autóctones. Compete com as espécies autóctones pela luz e água. Produz substâncias tóxicas que se acumulam no solo e inibem o desenvolvimento de outras espécies. Estas toxinas são irritantes e podem provocar erupções cutâneas, no Homem. Em sistemas urbanos, as sua raízes podem provocar danos nas infra-estruturas e fundações de prédios
Características que facilitam a invasão	Espécie pioneira. Elevada produção de sementes, polinização pelo vento e dispersão das sementes pelo vento e pela água. Crescimento rápido
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha; Lista negra preliminar de EEI para Espanha; Lista preliminar de EEI, cuja erradicação é urgente em Espanha
Bibliografia consultada	Bingre P, aguiar C, espirito-Santo d, Arsénio P & Monteiro-Henriques T [Coord.s Cient.]. (2007): guia de Campo - As árvores e os arbustos de Portugal continental. 462 pp. In vol. IX dea Sande Silva J [Coord. Ed.] (2007): coleção Árvores e Florestas de Portugal. Jornal Público/ Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento/ Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa. 9 vols.; SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.&. SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006; Plantes envahissantes de la région méditerranéenne. Cronk Quentin CB, Fuller Janice L - Plant Invaders, The threat to Natural Ecosystems. People and Plants, Conservation Manual. Earthscn Publications Ltd, London and Sterling, VA. 2001. GEIB (2006) TOP 20: Las 20 espécies exóticas invasoras más dañinas presentes en España. GEIB, Série Técnica N.". Pp.:116
Web sites consultados	http://www.ame-lr.org/plantesenvahissantes/index.html

Nome científico	<i>Althenanthera caracasana</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha
Bibliografia consultada	Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Althenanthera philoxeroides</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	Planta aquática, baixa produção de semente mas vigoroso desenvolvimento de ramos que se vão estendendo à superfície das águas.
Distribuição natural	América do Sul
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Índia, Carolina do Sul à Florida e Luisiana
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	Formação de matas densas em águas estagnadas ou com pouca corrente
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista negra preliminar de EEI para Espanha
Bibliografia consultada	Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Cronk Quentin CB, Fuller Janice L - Plant Invaders, The threat to Natural Ecosystems. People and Plants, Conservation Manual. Earthscn Publications Ltd, London and Sterling, VA. 2001.
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Althenanthera herapungens</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	
Bibliografia consultada	
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Amaranthus albus</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se exclusivamente por sementes por dispersão pelo vento. Sobrevive em ambientes perturbados pela acção humana. Indiferente ao tipo de solo, preferindo no entanto solos ligeiros, arenosos e bem drenados. Grande tolerância à seca e a altas temperaturas.
Distribuição natural	América do Norte
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Naturalizada na maior parte dos Países da Europa, América do Sul, Norte de África e Grande parte da Ásia
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Infestante de culturas agrícolas
Características que facilitam a invasão	Dispersão das sementes pelo vento. Tolerante a ambientes degradados e perturbados
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha; Lista preliminar de EEI, cuja erradicação é recomendável em situações particulares.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ánge Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Amaranthus blitoides</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se exclusivamente por sementes por dispersão pelo vento. Sobrevive em ambientes perturbados pela acção humana. Indiferente ao tipo de solo, preferindo no entanto solos ligeiros, arenosos e bem drenados. Grande tolerância à seca e a altas temperaturas.
Distribuição natural	América do Norte
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Naturalizada na maior parte dos Países da Europa, América do Sul, Norte de África e Grande parte da Ásia
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Infestante de culturas agrícolas
Características que facilitam a invasão	Dispersão das sementes pelo vento. Tolerante a ambientes degradados e perturbados
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha;
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ánge Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Amaranthus blitum</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Infestante de culturas agrícolas
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha;
Bibliografia consultada	Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Amaranthus hybridus</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se exclusivamente por sementes por dispersão pelo vento e pelo homem. Sobrevive em ambientes perturbados pela acção humana. Indiferente a tipo de solo, preferindo no entanto solos ligeiros, arenosos e bem drenados. Grande tolerância à seca e a altas temperaturas.
Distribuição natural	América do Norte
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Naturalizada na maior parte dos Países da Europa, América do Sul, Norte de África e Grande parte da Ásia
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Infestante de culturas agrícolas
Características que facilitam a invasão	Dispersão das sementes pelo vento e pelo homem. Pouco exigente relativamente ao tipo de solos e tolerância à seca e às altas temperaturas.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha;
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ánge Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Amaranthus muricatus</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se tanto por sementes como vegetativamente através de rizomas subterrâneos. Prefere solos com muito azoto, proveniente de vazamento de detritos. Solos rurais com excesso de nutrientes. Bastante resistente à seca e a altas temperaturas.
Distribuição natural	Argentina
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	África do Sul, Austrália, Europa (Portugal, Itália, França, Espanha) Magrebe, Estados Unidos etc.
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Infestante de culturas agrícolas
Características que facilitam a invasão	Reprodução vegetativa por rizomas
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha;
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ánge Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Amaranthus powellii</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	Reprodução por sementes e dispersão pelo vento e pelo homem. Sobrevive em ambientes rurais e agrícolas. Necessita de humidade, pelo que é pouco resistente à seca, necessitando de ambientes frescos (regadios)
Distribuição natural	Zonas temperadas da América do Norte
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Nova Zelândia, Japão, Europa (Alemanha, Luxemburgo, Grã Bretanha, Polónia, Itália, França, Bélgica, Hungria, Espanha, Portugal...)
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Infestante de culturas agrícolas.
Características que facilitam a invasão	Reprodução por sementes e dispersão pelo vento e pelo homem. Sobrevive em ambientes rurais e agrícolas. Necessita de humidade, pelo que é pouco resistente à seca, necessitando de ambientes frescos (regadios)
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha;
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángel Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Amaranthus retroflexus</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	Reprodução por semente e dispersão pelo vento e pelo homem. Sobrevive em ambientes perturbados pela acção humana, mas também em ambientes seminaturais. Indiferente ao tipo de solo desde que sejam frescos e bem drenados
Distribuição natural	América do Norte
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Quase todo o Mundo
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Infestante de culturas agrícolas, mas também ocupa habitats de espécies autóctones.
Características que facilitam a invasão	Reprodução por semente e dispersão pelo vento e pelo homem.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha;
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ánge Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Amaranthus viridis</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Amaranthaceae</i>
Ecologia da espécie	Reprodução por semente e dispersão pelo vento e pelo homem. Sobrevive em ambientes antropizados. Indiferente ao tipo de solo desde que húmidos e arejados
Distribuição natural	Pan tropical.
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Nova Zelândia, Nova Guiné, África do Sul, Egipto, Sudão, Ásia (Tailândia, China, Taiwan, Japão, Indonésia) Ilhas do Pacífico, Argentina e Chile
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Infestante de culturas agrícolas
Características que facilitam a invasão	Reprodução por semente e dispersão pelo vento e pelo homem. Sobrevive em ambientes antropizados. Indiferente ao tipo de solo desde que húmidos e arejados
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha;
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ánge Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Araujia sericifera</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Asclepiadaceae</i>
Ecologia da espécie	Rápido crescimento. Grande produção de sementes. Dispersão das sementes pelo vento e pela água. Também se reproduz assexuadamente. Polinização através de himnópetros.
Distribuição natural	América do Sul (Nordeste da Argentina, Uruguai, Paraguai, sudeste do Brasil)
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos (Califórnia) Israel, África do Sul.
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Espécie muito agressiva, que invade meios profundamente alterado, bem como ambientes naturais, ocupando o habitat de espécies autóctones e competindo pela luz, nomeadamente em azinhais.
Características que facilitam a invasão	Rápido crescimento, Grande produção de semente, disseminação das sementes pelo vento e pela água.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha; Lista negra preliminar de EEI para Espanha; Lista preliminar de EEI, cuja erradicação é recomendável em situações particulares.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Arctotheca calendula</i>
Nome vulgar	Erva-gorda
Família	<i>Asteraceae</i>
Ecologia da espécie	Espécie de crescimento rápido. Caules vigorosos que formam um tapete junto a solo facilitando a sua disseminação. Os tapetes formados são impenetráveis pelo que dificultam o estabelecimento de outras espécies, nomeadamente espécies autóctones. A dispersão das sementes é feita pelo vento e pela fauna. Pouco exigente em termos de solos, mas têm de ser bem drenados e arejados, areias, dunas e taludes.
Distribuição natural	África do Sul
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Estados Unidos (Califórnia), Austrália, Tasmânia, Nova Zelândia, Japão, Chile e Sudoeste da Europa (Portugal, Espanha, Sardenha)
Distribuição em Portugal	Minho, Trás-os-Montes (Alto Douro), Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo, Alentejo e Algarve
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	Acidental
Impactos da introdução	Ocupação do habitat de espécies autóctone. Diminuição da Biodiversidade
Características que facilitam a invasão	Rápido crescimento, presença de caules vigorosos que impedem a colonização por outras espécies, disseminação das sementes pelo vento e pela fauna.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha; Lista negra preliminar de EEI para Espanha; Lista preliminar de EEI, cuja erradicação é recomendável em situações particulares.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2000. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. Weber, E. 2003. <i>Invasive Plant Species of the World – A Reference Guide to Environmental Weeds</i> . CABI Publishing. Switzerland. Pág. 189. ISBN 0851996957
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Arundo donax L.</i>
Nome vulgar	Cana
Família	<i>Gramineae Juss.</i>
Ecologia da espécie	Na sua área de distribuição reproduz-se sexualmente por sementes, mas nos locais em que não é autóctone, reproduz-se muito rapidamente, por via assexuada através dos seus robustos rizomas, que podem alcançar Grandes distâncias desde a planta mãe. Os fragmentos dos rizomas são dispersos pelas correntes de água. podem secar durante anos, sem perder a capacidade de emitir raízes quando voltam a ficar húmidas. é uma planta hidrófila, que requer humidade edáfica, pelo que o seu habitat são ambientes ripários e zonas húmidas, naturais ou artificiais. Suporta muito bem as altas temperaturas estivais, mas só relativamente as temperaturas baixas do inverno. Alguma resistência à salinidade moderada.
Distribuição natural	Este Asiático
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Ásia, Sul da Europa e Norte de África, primeiro e depois América. Na Europa encontra-se naturalizada na totalidade dos países do Sul
Distribuição em Portugal	Todo o País
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Foi introduzida na Europa e em outras zonas do Mundo, intencionalmente, como espécie cultivada com diferentes objectivos, como a formação de barreiras, sebes ou corta-ventos vegetais, como material de construção para telhados e paliçadas, como suporte ou tutor de outras plantas e, mais recentemente, para controlo da erosão.
Impactos da introdução	Colonização do habitat de espécies autóctones o que provoca um empobrecimento de habitat para a fauna terrestre associada. Diminui a capacidade de escoamento dos rios com os seus sedimentos. Devido à sua intensa transpiração, reduz os recursos hídricos em zonas áridas. Aumento do risco de incêndio.
Características que facilitam a invasão	reproduz-se muito rapidamente, por via assexuada através dos seus robustos rizomas, que podem alcançar Grandes distâncias desde a planta mãe. Os fragmentos dos rizomas são dispersos pelas correntes de água. podem secar durante anos, sem perder a capacidade de emitir raízes quando voltam a ficar húmidas.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar cuja erradicação é recomendável em situações. 100+ da UICN particulares
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.; Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - <i>Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo</i> . Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/species/ecology.asp?si=112&fr=1&sts=tss&%20ang=E...)

Nome científico	<i>Asclepias curassavica</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Asclepiadaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se essencialmente por sementes, embora rebente de touça. Polinização por insectos, principalmente lépidopterus. Prefere exposições ao sol em substratos ácidos ou ligeiramente alcalinos. Tolerância à seca. Planta tóxica para o gado e para o homem
Distribuição natural	América tropical.
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Japão, Galápagos, Ilhas do Pacífico (Samoa, Marianas, Cook, Micronésia, Fiji, Polinésia Francesa, Guam, Havai, Marshall, Nova Caledónia, Palau, Salomão, Tonga, Tuvalu, Vanuatu, Nova Guiné, Espanha
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Competição com a flora autóctone, diminuição da disponibilidade de alimento para a fauna herbívora devido à sua toxicidade
Características que facilitam a invasão	Reproduz-se essencialmente por sementes, embora rebente de touça. Polinização por insectos, principalmente lépidopterus.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha; Lista preliminar de EEI, cuja erradicação é recomendável em situações particulares.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - <i>Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo</i> . Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Aster squamatus</i> (Spreng.) Hieron
Nome vulgar	Bordo
Família	<i>Aceraceae</i> Juss (Compositae <i>Gaertn.</i>)
Ecologia da espécie	Reprodução por semente e dispersão pelo vento. Prefere Climas suaves do litoral ou de zonas baixas. Tem caracter invasor com capacidade para se estender e colonizar novos habitats em pouco tempo adaptando-se bem a ambientes antropizados ou seminaturais
Distribuição natural	Continente Americano, desde a Argentina
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Sudoeste e Norte da África (Argélia e Egipto), Europa (Rússia, Grécia, Itália, França, Córsega, Portugal e Espanha) Macaronésia (Açores e Canárias)
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	1956
Motivo da introdução	Cultivada para fins ornamentais e medicinais, fonte de fibras
Impactos da introdução	Ocupação de habitats de espécies autóctones
Características que facilitam a invasão	Grande capacidade de dispersão e de colonizar novos habitats em pouco tempo Possui Grande capacidade de adaptação a meios antropizados como a semi-naturais, desde que húmidos.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Gomes; C. J. P., Ferreira, R. J. P. P. (2000) - <i>Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio (tavira-Portimão)</i> , edi. CCDR-Algarve. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillettí, Bernardo - <i>Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención el manejo</i> . Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Azolla filiculoides</i>
Nome vulgar	Azola
Família	<i>Azollaceae</i>
Ecologia da espécie	Habita águas continentais naturais (e.g. lagos, lagoas, rios) e zonas húmidas artificiais (e.g. campos de arroz). Esta espécie reproduz-se vegetativa e sexualmente. Este último tipo de reprodução requer um ciclo de vida totalmente aquático.
Distribuição natural	América Tropical, desde o Sudeste dos Estados Unidos ao Sul do Brasil, Uruguai e Argentina.
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Encontra-se dispersa por todo o continente americano, Austrália, Nova Zelândia, Ásia Tropical, Ilhas do Pacífico, África do Sul e Europa.
Distribuição em Portugal	Assinalam-se localizações permanentes nas bacias hidrográficas do Vouga, Côa, Mondego, Tejo, Sado e Guadiana.
Ano da confirmação em Portugal	1920
Motivo da introdução	A azola terá sido introduzida acidentalmente em Portugal com a cultura de arroz.
Impactos da introdução	Em determinadas situações, nomeadamente, caudais reduzidos, elevadas concentrações de nutrientes na água, temperaturas elevadas e elevadas taxas de esporulação da planta nos anos anteriores, podem resultar num "bloom" desta planta, o que pode causar diversos impactos tais como: a deterioração da qualidade da água e a consequente eutrofização, a diminuição do fluxo de água, a competição com a vegetação aquática autóctone. Associa-se com uma alga cianofítica <i>Anabaena azollae</i> , capaz de fixar azoto atmosférico. A sua proliferação interfere com actividades piscatórias e de navegação. Causa ainda prejuízos em hidroeléctricas e sistemas de rega. Em alguns países asiáticos, devido à sua associação simbiótica com a alga <i>Anabaena azollae</i> , é utilizada como fertilizante nos campos de arroz.
Características que facilitam a invasão	Elevadas taxas de esporulação. Reprodução vegetativa
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. . IUCN/SSC Invasive Species Specialist Group (ISSG). SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Gomes; C. J. P., Ferreira, R. J. P. P. (2005) - Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio (tavira-Portimão), edi. CCDR-Algarve. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. GEIB (2006) Top 20 especies exóticas invasoras más dañinas presentes em España. GEI, Série Técnica N 2. Pp.:116
Web sites consultados	http://belgrade-consultation.ewindows.eu.org/reports/rep285401/chp248445/sec486335 http://www.masmar.com/files/TOP20_final_2pdf

Nome científico	<i>Albizzia lophanta</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Fabaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	Austrália
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	África do Sul, Califórnia, Nova Zelândia
Distribuição em Portugal	Todo o País
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental, arborização urbana
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	
Bibliografia consultada	Bingre P, aguiar C, Espirito-Santo d, Arsénio P & Monteiro-Henriques T [Coord.s Cient.]. (2007): guia de Campo - As árvores e os arbustos de Portugal continental. 462 pp. In vol. IX de a Sande Silva J [Coord. Ed.] (2007): coleção Árvores e Florestas de Portugal. Jornal Público/ Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento/ Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa. 9 vols.; Cronk Quentin CB, Fuller Janice L - Plant Invaders, The threat to Natural Ecosystems. People and Plants, Conservation Manual. Earthscn Publications Ltd, London and Sterling, VA. 2001.
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Althenanthera nodiflora</i>
Nome vulgar	
Família	
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	
Bibliografia consultada	
Web sites consultados	-
	-

Nome científico	<i>Bidens aurea</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Compositae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se por sementes. Disseminação pela fauna e pelo homem. Também se reproduz vegetativamente por meio de rizomas. Ripícola ou de ambiente húmidos.
Distribuição natural	Sul dos estados Unidos (Arizona, Novo México, Texas) México e Guatemala
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Japão, Chile e Europa Sul-Occidental (França, Itália, Portugal e Espanha)
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Invasão de ecossistemas naturais, formações monoespecíficas, diminuição da Biodiversidade.
Características que facilitam a invasão	Fácil disseminação das sementes. Reprodução por rizomas.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Gomes; C. J. P., Ferreira, R. J. P. P. (2005) - <i>Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio (távira-Portimão)</i> , ed. CCDR-Algarve. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - <i>Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo</i> . Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. <i>Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica</i> . 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Bidens frondosa</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Compositae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se por semente. Disseminação pela fauna ou pelo homem. Dispersão pela água. Necessita de substratos húmidos. Suporta bem o frio.
Distribuição natural	Zona oriental da América do Norte
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Nova Zelândia, Estados Unidos (Califórnia, Colorado, Montana, Nebraska) China, Japão e Europa (Áustria, Bélgica, Luxemburgo, República Checa, Eslováquia, Grã Bretanha, França Suíça, Alemanha, Holanda, Hungria, Itália, Sicília, antiga Jugoslávia, Polónia, Ucrânia, Portugal e Espanha)
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Ocupação dos habitats de espécies autóctones
Características que facilitam a invasão	Disseminação das sementes pela água.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Gomes; C. J. P., Ferreira, R. J. P. P. (2005) - <i>Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio (tavira-Portimão)</i> , edi. CCDR-Algarve. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - <i>Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo</i> . Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. <i>Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica</i> . 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Bidens pilosa</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Compositae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se por semente. Disseminação pela fauna ou pelo homem. Dispersão pela água. Necessita de substratos húmidos. Sobrevive em ambientes antropizados
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos (Califórnia, Florida), México, América Central (Cuba, Porto Rico, El Salvador, Guadalupe), América do Sul (Peru, Equador,) África (Kénia, África do Sul, Etiópia) Ásia (Tailândia, Vietname, China e Japão), lhas do Pacífico (Indonésia, Micronésia, Nova Guiné), Europa (República Checa, Bélgica, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha) Macaronésia.
Distribuição em Portugal	?
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Ocupação dos habitats de espécies autóctones
Características que facilitam a invasão	Reproduz-se por semente. Disseminação pela fauna ou pelo homem. Dispersão pela água.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Gomes; C. J. P., Ferreira, R. J. P. P. (2005) - <i>Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio (távira-Portimão)</i> , edi. CCDR-Algarve. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillettí, Bernardo - <i>Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo</i> . Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. <i>Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica</i> . 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Conyza canadensis</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Compositae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se exclusivamente por semente através do vento. Prefere solos revoltos e ricos em nutrientes, abertos e com pouca vegetação. Grãde resistência ao frio
Distribuição natural	América do Norte
Estatuto Proposto	Introduzida
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Tasmânia, Nova Zelândia, África do Sul, América Central, Antilhas (Cuba, Porto Rico), Bahamas, América do Sul (Suriname, Guiana Francesa e Brasil) Ilhas do Pacífico (Galápagos) Ásia (Israel, Irão, Índia, China, Taiwan, Japão) Quase toda a Europa e Macaronésia (Madeira e Canárias)
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	???? Jardins botânicos
Impactos da introdução	Erva daninha
Características que facilitam a invasão	Dispersão das sementes pelo vento
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Cortaderia selloana</i>
Nome vulgar	Erva das pampas; Penachos
Família	<i>Poaceae (Gramineae)</i>
Ecologia da espécie	Planta herbácea perene, graminóide, pode crescer até 3 metros de altura. Folhas planas, laminares, coriáceas, com as bordas "aserradas" e ásperas de 1 a 3 metros. Morfologicamente é uma espécie ginodioica, existem plantas com flores hermafroditas e femininas, mas funcionalmente é dióica, necessitando para a reprodução que ambos os tipos de plantas se encontrem próximos. Floresce de Julho a Outubro. Reproduz-se exclusivamente por semente. Planta muito rústica, bem adaptada a temperaturas extremas e à seca, ainda que prefira terrenos frescos e eutróficos. Cresce bem em ambientes perturbados, como taludes, caminhos, ao longo das estradas e jardins. Cresce rapidamente em colónias que podem atingir diâmetros de mais de 3 metros. Elevada produção de sementes
Distribuição natural	Parte tropical do Sul da América, Chile e Argentina
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Actualmente é uma espécie invasora nos Estados Unidos (Califórnia e Hawaii), África do Sul, Austrália, Sardenha, Córsega, Itália, França, Grã Bretanha, Portugal (Açores e Continente) e Espanha
Distribuição em Portugal	Minho, Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura e Algarve
Ano da confirmação em Portugal	???
Motivo da introdução	Fins ornamentais
Impactos da introdução	Crescimento vigoroso e a formação de rosetas tornam-na uma eficaz competidora, dominando a vegetação nativa. Cria barreiras à circulação da Fauna. Aumento do risco de incêndio. Diminuição da biodiversidade (habitats e espécies)
Características que facilitam a invasão	Elevada capacidade de produção de sementes as quais são facilmente transportadas pelo vento. Planta muito rústica com Grãde capacidade de adaptação
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente em Espanha
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.; Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Plantes envahissantes de la région méditerranéenne. GEIB (2006) TOP 20: Las 20 especies exóticas invasoras más dañinas presentes en España. GEIB, Série Técnica N 2. Pp.:116
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/); http://www.ame-lr.org/plantesenvahissantes/index.html

Nome científico	<i>Cotula coronopifolia</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Asteraceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se por semente e possivelmente também vegetativamente. Aparentemente a sua dispersão é feita pelas aves aquáticas. Necessita de substrato húmido.
Distribuição natural	Sul da África
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Costas Atlânticas e Pacíficas da América do Norte, Austrália e Nova Zelândia, América do Sul e Europa.
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	Diminuição da flora autóctone
Características que facilitam a invasão	Compete com espécies autóctones pelos nutrientes. Existem registos de aumento da salinidade em solos ocupados pela espécie, o que pode inibir o desenvolvimento de espécies autóctones.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente em Espanha
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.; Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/) ;

Nome científico	<i>Cyperus eragrostis</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Cyperaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Introduzida
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/) ;

Nome científico	<i>Carpobrotus acinaciformis</i>
Nome vulgar	
Família	
Ecologia da espécie	Tem reprodução alogâmica e entomofila. Foram identificados diversos polinizadores das ordens, <i>Coleóptera</i> , <i>Hymenoptera</i> , <i>Díptera</i> , <i>Lepidoptera</i> e <i>Thysanoptera</i> . Diversas espécies de aves e mamíferos contribuem para a disseminação da sua semente, expulsas através dos dejectos. Reproduz-se ainda activamente através de estolhos que enraízam facilmente. Necessita de climas temperados, suportando bem a seca, salinidade e substratos arenosos. Suporta temperaturas até -2º C. A sua expansão deve-se também a introduções motivadas pelo seu valor como planta ornamental e para fixar dunas e taludes. Distribuição mais restrita e menor invasibilidade que o <i>C. edulis</i> , mas o híbrido das duas espécies é mais competitivo
Distribuição natural	África do Sul.
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Califórnia, Florida, Sul da Austrália, Baixo Mediterrâneo, Zona Atlântica europeia de Portugal ao Norte da Irlanda
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Devido à sua grande capacidade de reprodução vegetativa: em condições favoráveis - muito sol e solos secos -, compete activamente pela luz e água com as espécies nativas dos ecossistemas costeiros dunares e rochosos, cobrindo-os e dificultando o desenvolvimento das espécies autóctones. Esta espécie tem a capacidade de modificar o meio, acumulando sal, alterando o pH do solo e reduzindo a disponibilidade de nutrientes.
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha; Lista negra preliminar de EEI para Espanha; Lista preliminar de EEI, cuja erradicação é recomendável em situações particulares.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i> . Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Plantes envahissantes de la région méditerranéenne. GEIB (2006) TOP 20: Las 20 especies exóticas invasoras más dañinas presentes en España. GEIB, Série Técnica N 2. Pp.:116
Web sites consultados	http://www.ame-lr.org/plantesenvahissantes/index.html

Nome científico	<i>Carpobrotus edulis</i>
Nome vulgar	Chorão das praias
Família	Aizoaceae
Ecologia da espécie	Tem reprodução alogâmica e entomofila. Foram identificados diversos polinizadores das ordens, <i>Coleoptera</i> , <i>Hymenoptera</i> , <i>Diptera</i> , <i>Lepidoptera</i> e <i>Thysanoptera</i> . Diversas espécies de aves e mamíferos contribuem para a disseminação da sua semente, expulsas através dos dejectos. Reproduz-se ainda activamente através de estolhos que enraízam facilmente. Necessita de climas temperados, suportando bem a seca, salinidade e substratos arenosos. Suporta temperaturas até -6° C, tendo desaparecido de algumas zonas depois de um período de frio intenso. A sua expansão deve-se também a introduções motivadas pelo seu valor como planta ornamental e para fixar dunas e taludes. Possui propriedades medicinais. O <i>C. edulis</i> possui uma distribuição mais alargada e maior invasibilidade que o <i>C. acinaciformis</i> , mas o híbrido das duas espécies é mais competitivo.
Distribuição natural	África do Sul.
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Esta espécie foi introduzida na Europa, por volta de 1680, na Holanda. Ocorre actualmente em Portugal, Itália, França, Reino Unido, Irlanda, Alemanha, Ilhas Canárias, Ilhas Baleares, Gibraltar, Malta, Albânia, e Grécia. Disseminou-se também na Nova Zelândia, USA - Califórnia, Austrália, St ^a . Helena, Polinésia Francesa, México, Chile Argentina e Tunísia.
Distribuição em Portugal	Todo o Litoral, de Norte a Sul do País.
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Devido à sua grande capacidade de reprodução vegetativa: em condições favoráveis - muito sol e solos secos -, compete activamente pela luz e água com as espécies nativas dos ecossistemas costeiros dunares e rochosos, cobrindo-os e dificultando a desenvolvimento das espécies autóctones. Esta espécie tem a capacidade de modificar o meio, acumulando sal, alterando o pH do solo e reduzindo a disponibilidade de nutrientes.
Características que facilitam a invasão	Grande capacidade de reprodução vegetativa. Os frutos são ingeridos por animais, facilitando a sua dispersão
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha; Lista negra preliminar de EEI para Espanha; Lista preliminar de EEI, cuja erradicação é urgente; Lista preliminar de EEI, cuja erradicação é recomendável em situações particulares.

<p>Bibliografía consultada</p>	<p>Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. Weber, E. 2003. Invasive Plant Species of the World – A Reference Guide to Environmental Weeds. CABI Publishing. Switzerland. Pág. 189. ISBN 0851996957. GEIB (2006) TOP 20: Las 20 especies exóticas invasoras más dañinas presentes en España. GEIB, Série Técnica N 2. Pp.:116. SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.&. SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. <i>Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España</i>. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Plantes envahissantes de la région méditerranéenne. GEIB (2006) TOP 20: Las 20 especies exóticas invasoras más dañinas presentes en España. GEIB, Série Técnica N 2. Pp.:116</p>
<p>Web sites consultados</p>	<p>http://www.issg.org/database/specie http://belgrade-consultation.ewindows.eu.org/reports/rep285401/chp248445/sec486335 http://www.masmar.com/files/TOP20_final_2.pdf http://www.ame-lr.org/plantesenvahissantes/index.html</p>

Nome científico	<i>Conyza bonariensis</i>
Nome vulgar	Erva-pau
Família	<i>Asteraceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se exclusivamente por semente através do vento. Prefere solos revoltos e ricos em nutrientes, abertos e com pouca vegetação.
Distribuição natural	América tropical
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Tasmânia, Nova Zelândia, Ilhas do pacífico, (Galápagos), África do Sul, África oriental, Egito, Ásia (Israel, Palestina, Síria, Índia, China, Taiwan, Japão) Europa mediterrânea e Macaronésia (Açores e Canárias)
Distribuição em Portugal	Todo o país
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	???? Jardins botânicos
Impactos da introdução	Erva daninha
Características que facilitam a invasão	Grande produção de sementes
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	

Nome científico	<i>Datura stramonium</i>
Nome vulgar	Estramónio, erva do diabo
Família	<i>Solanaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se por sementes que produz em Grande quantidade e que germinam em qualquer altura do ano e sem condições favoráveis.. Autopolinizante. Espécie muito competitiva pelos recursos hídricos. Prefere solos ricos em azoto, arenosos ou arenosos-limosos, bem drenados e húmidos. Tolerante a solos secos e pedregosos. Indiferente ao pH. Coloniza ambientes antropizados e também seminaturais.
Distribuição natural	Sul da América tropical
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	Todo o País
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Acidental
Impactos da introdução	Erva daninha. Danos na Agricultura
Características que facilitam a invasão	Grande produção de sementes e rápida germinação. As suas Grandes folhas causam sobras às outras plantas dificultando o seu crescimento.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.
Web sites consultados	http://pt.wikipedia.org/wiki/Datura_stramonium

Nome científico	<i>Eucalyptus globulus</i>
Nome vulgar	Eucalipto
Família	<i>Myrtaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se por sementes e rebenta de cepa. Necessita climas húmidos e temperados, com precipitações superiores a 1000 mm/ano, distribuídos uniformemente ao longo do ano. Não suporta frio nem secas. Prefere solos com textura franca, ricos em matéria orgânica, com pH superior a 5 e o lençol freático relativamente alto. Não suporta encharcamento. Os rebentos necessitam de luz para se desenvolverem. Esteriliza o solo impedindo o desenvolvimento de outras espécies. Extrai Grandes quantidades de água do solo. Rebenta após a passagem de um incêndio.
Distribuição natural	Tasmânia
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Califórnia N e NW da Península Ibérica, Portugal.
Distribuição em Portugal	Todo o país
Ano da confirmação em Portugal	1800
Motivo da introdução	Foi introduzida para ajudar à drenagem dos pântanos e para lenha e mais tarde em Grande escala para a Indústria do papel
Impactos da introdução	A sua utilização em monocultura, tem efeito muito negativo, quer ao nível da paisagem, quer ao nível da Biodiversidade, uma vez que impede o desenvolvimento da flora autóctone. A sua necessidade de água e a capacidade das suas raízes para a irem buscar a zonas profundas do solo, pode levar ao esgotamento dos aquíferos subterrâneos.
Características que facilitam a invasão	Reproduz-se por sementes e rebenta de cepa. Rebenta após a passagem de um incêndio.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	Bingre P, aguiar C, espirito-Santo d, Arsénio P & Monteiro-Henriques T [Coord.s Cient.]. (2007): guia de Campo - As árvores e os arbustos de Portugal continental. 462 pp. In vol. IX dea Sande Silva J [Coord. Ed.] (2007): coleção Árvores e Florestas de Portugal. Jornal Público/ Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento/ Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa. 9 vols.; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006; SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.
Web sites consultados	http://www1.ci.uc.pt/invasoras/index.php?menu=135&language=pt&tabela=geral

Nome científico	<i>Eichhornia crassipes</i>
Nome vulgar	Jacinto-de-água
Família	
Ecologia da espécie	Tem reprodução germinativa e vegetativa (por rizomas ou pequenos fragmentos). Possui crescimento rápido na Primavera, mas no Outono a sua taxa de crescimento decresce devido à descida das temperaturas e à ocorrência de geadas. Grande produção de sementes que se mantêm viáveis por mais de 20 anos e que devido às suas diminutas dimensões são arrastadas pela corrente dos rios. A planta pode atingir os 60 cm de altura. Possui reprodução sexuada e vegetativa
Distribuição natural	América do Sul.
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Ocorre na América do Norte, América Central, África, Índia, Ásia, Austrália, Europa, Médio Oriente.
Distribuição em Portugal	Ocorre no Douro Litoral, Estremadura, Ribatejo, Alentejo e Beira Litoral.
Ano da confirmação em Portugal	Foi introduzida em Portugal na década de 1930, devido à beleza das suas flores.
Motivo da introdução	Ornamentais
Impactos da introdução	As formas de reprodução e crescimento facilitam a invasão desta espécie. Compete com sucesso com as espécies indígenas, nada adaptadas às alterações físico-químicas e biológicas dos nossos cursos de água. Devido ao tapete que forma sobre a superfície da água provoca o efeito de sombra que impede a actividade fotossintética, a redução da produção de fitoplâncton e a diminuição das trocas gasosas entre o ar e a água. Esta espécie origina Grandes massas de material em decomposição da qual podem resultar anaerobioses interferindo assim com o desenvolvimento das espécies autóctones. Os impactes mais graves associados à proliferação de jacinto-de-água são, a redução da biodiversidade (flora e fauna) e das actividades dependentes dos recursos hídricos, por redução do oxigénio da água e diminuição do escoamento. Em quantidades controladas, a sua presença pode ser utilizada no tratamento de esgotos, uma vez que possui Grande capacidade de absorção de nutrientes e metais pesados. Todavia, a proliferação do jacinto-de-água e a consequente concentração de espécimes em determinadas massas de água, Dificulta o aproveitamento das águas para a rega e gado e provoca a alteração das características físico-químicas da água. Provoca ainda interferências em actividades como a pesca e actividades de recreio e lazer, nomeadamente a navegação. Cria Grandes depósitos de matéria vegetal morta no fundo dos rios o que pode originar inundações. Pode promover o local ideal para a reprodução de mosquitos.
Características que facilitam a invasão	Ocorre no Douro Litoral, Estremadura, Ribatejo, Alentejo e Beira Litoral.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	Marchante, H. et.al., 2005; IUCN/SSC Invasive Species Specialist Group (ISSG); Sanz Elorza M., Dana Sanches E. D. & Sobrino Vesperinas E., eds 2004. Atlas de las Plantas Alóctones Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidade. Madrid, 384 pp.; (CCDR Centro, 2006); Global Invasive Species Database. GEIB (2006) TOP 20: Las 20 especies exóticas invasoras más dañinas presentes en España. GEIB, Série Técnica N 2. Pp.:116

Web sites consultados

[Global Invasive Species Database \(http://www.issg.org/database\);](http://www.issg.org/database)
[http://belgrade-consultation.ewindows.eu.org/reports/rep285401/chp248445/sec486335\);](http://belgrade-consultation.ewindows.eu.org/reports/rep285401/chp248445/sec486335) [http://www.masmar.com/files/TOP20_final_2.pdf;](http://www.masmar.com/files/TOP20_final_2.pdf)

Nome científico	<i>Elodea canadensis</i>
Nome vulgar	Elódea
Família	<i>Hydrocharitaceae</i>
Ecologia da espécie	Planta aquática. Reproduz-se por sementes ou vegetativamente, por meio de fragmentos do talo com capacidade de enraizamento.. Na Europa, aparentemente, só se encontram exemplares femininos, pelo que a sua reprodução é assexuada. Vive sobretudo em águas estagnadas, ou de curso lento. Não suporta contaminação, pelo que constitui um bom bioindicador da qualidade da água. No Inverno, com o frio, desaparece a parte aérea que volta a aparecer na Primavera. Necessita de Luz.
Distribuição natural	América do Norte
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Europa (Reino Unido, Irlanda, Rússia, Áustria, República Checa, Alemanha, França, Dinamarca, Polónia, Holanda, Bélgica, Suíça), Nova Zelândia, Austrália e Chile.
Distribuição em Portugal	Douro Litoral, Beira Litoral
Ano da confirmação em Portugal	?
Motivo da introdução	?
Impactos da introdução	Rápido crescimento e Grande capacidade de colonização, compete com a vegetação autóctone, causando ameaça à fauna piscícola autóctone, diminuindo a Biodiversidade
Características que facilitam a invasão	Rápido crescimento, reduzindo o fluxo de água e a disponibilidade de luz para as outras espécies.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha.
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Cronk Quentin CB, Fuller Janice L - Plant Invaders, The threat to Natural Ecosystems. People and Plants, Conservation Manual. Earthscn Publications Ltd, London and Sterling, VA. 2001. Sanz Elorza M., Dana Sanches E. D. & Sobrino Vesperinas E., eds 2004. Atlas de las Plantas Alóctones Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidade. Madrid, 384 pp.
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Erigeron karvinskianus</i>
Nome vulgar	Margaridas
Família	
Ecologia da espécie	Planta herbácea ornamental, cresce rapidamente e pode dispersar os seus rizomas e tornar-se invasora, competindo com as espécies autóctones. Ocorre em áreas agrícolas, florestas, zonas ripícolas, áreas rurais e urbanas perturbadas e zonas húmidas.
Distribuição natural	América do Sul
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Reunião, Nova Zelândia, Havai, Europa
Distribuição em Portugal	Minho, Trás-os-Montes (Alto Douro), Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Ribatejo, Alto Alentejo, Beira Litoral
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamentais
Impactos da introdução	Competição com espécies autóctones
Características que facilitam a invasão	Rápido crescimento e grande capacidade de dispersão através de rizomas
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha.
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006.
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/);

Nome científico	<i>Eryngium pandanifolium</i>
Nome vulgar	Piteirão
Família	<i>Apiaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	Zona Subtropical da América do Sul
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	Beira Litoral
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	
Bibliografia consultada	
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Eucalyptus camaldulensis</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Myrtaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se por sementes e rebenta de touça. Polinização entomófila. Tolerante a grandes amplitudes térmicas (-5 a 40°), mas não suporta geadas prolongadas. Resiste à seca graças à capacidade do seu sistema radicular para aceder a zonas profundas do solo com humidade permanente. Prefere solos profundos, aluviais, pH neutro ou ácido. Pouco exigente em fertilidade, vegeta em substratos silicosos pouco desenvolvidos e pobres. Suporta encharcamento temporário. Necessita de luz para o seu desenvolvimento nos primeiros anos. Rebenta com vigor após a passagem de um incêndio.
Distribuição natural	Austrália, Tasmânia
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	África (Madagáscar, África do Sul, Angola, Kénia, Botsuana, Congo, Marrocos), América do Sul (Brasil, Argentina), Ásia (Ceilão) e Europa (Portugal à Turquia)
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	Século XIX
Motivo da introdução	Arborização - Indústria do papel
Impactos da introdução	Produz efeitos negativos na paisagem e na Biodiversidade.
Características que facilitam a invasão	Reproduz-se por sementes e rebenta de touça. Polinização entomófila. Rebenta com vigor após a passagem de um incêndio.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas Invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Sanz Elorza M., Dana Sanches E. D. & Sobrino Vesperinas E., eds 2004. Atlas de las Plantas Alóctones Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Fallopia baldschuanica</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Polygonaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se tanto por semente como assexuadamente, através do rizoma. Resiste a frios intensos. Necessita de alguma humidade.
Distribuição natural	Oeste da China e do Tibete
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Grã-bretanha, Europa
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Invade ambientes mais ou menos rurais
Características que facilitam a invasão	Reproduz-se tanto por semente como assexuadamente, através do rizoma.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Fallopia Japonica</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Polygonaceae</i>
Ecologia da espécie	Tolerante a diversas condições, incluindo sombra, altas temperaturas, alta salinidade e seca. Reproduz-se através de rizomas que se podem estender por mais de 3 metros
Distribuição natural	Japão
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	América do Norte, Austrália, Nova Zelândia, Europa
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	é uma ameaça para ecossistemas abertos e riparias, dispersando-se rapidamente formando densas matas, excluindo a vegetação autóctone e a sua regeneração natural. Reduz a biodiversidade e altera o habitat da vida selvagem
Características que facilitam a invasão	Utilização como espécie apícola. Dispersão por rizomas. Dispersão das sementes e bocados de resinas pelo vento. Etc.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/) ;

Nome científico	<i>Gleditsia triacanthos</i>
Nome vulgar	Espinheiro da Virginia
Família	Fabaceae
Ecologia da espécie	Floresce de Março a Junho. Reproduz-se principalmente por sementes, rebenta de touça. Apresenta crescimento muito rápido, com um período juvenil muito curto e produzem sementes muito cedo. A presença de gado favorece a expansão da espécie ao consumir os frutos e posteriormente dispersar as sementes. É uma espécie pouco exigente em solo e clima com Grande capacidade de adaptação. Suporta muito bem a contaminação atmosférica, pelo que é muito utilizada como árvore ornamental urbana. Desenvolve-se melhor em solos profundos e frescos. Está bem adaptada quer à seca, quer a Grandes geadas. É uma espécie de luz.
Distribuição natural	América do Norte
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Noroeste da Argentina, Península Ibérica
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental; madeira utilizada na construção civil e em móveis maciços
Impactos da introdução	Compete com vantagem com as espécies autóctones, ocupando o seu habitat
Características que facilitam a invasão	Produção de semente muito cedo, dispersão das sementes pelo gado ou outros herbívoros
Informação adicional	Lista Preliminar de EEI estabelecidas em Espanha
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006;
Web sites consultados	http://www.utad.pt

Nome científico	<i>Gomphocarpus fruticosus</i>
Nome vulgar	
Família	Asclepiadaceae
Ecologia da espécie	Floresce de Junho a Agosto. É uma planta termófila. Prefere solos profundos, com alguma humidade e terrenos abertos com sol. Arbusto de dimensões arbóreas
Distribuição natural	Sul do Continente Africano
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Peru, Sul da Europa (Albânia, França, Grécia, Itália, antiga Jugoslávia, Portugal, Espanha, Córsega, Creta, Baleares, Sardenha e Sicília), Norte de África e Macaronésia (Açores e Canárias).
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Compete com vantagem com as espécies autóctones, ocupando o seu habitat, devido ao seu tamanho e Grãde vigor
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista Preliminar de EEI estabelecidas em Espanha
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Galisonga parviflora</i>
Nome vulgar	Erva-da-moda
Família	Asteraceae
Ecologia da espécie	Risco Ecológico
Distribuição natural	América do Sul
Estatuto Proposto	
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	Todo o país
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Acidental
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	Dispersão fluvial e pelo vento
Informação adicional	
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Hakea salicifolia</i>
Nome vulgar	Háquea-folhas-de-salgueiro
Família	Proteaceae
Ecologia da espécie	É uma espécie adaptada a solos pobres em nutrientes, tais como os solos arenosos e Gráíticos. Resiste em locais ventosos e secos, sobretudo próximo do mar e em áreas degradadas. Forma manchas mono específicas densas. As sementes permanecem viáveis por um Grande período de tempo.
Distribuição natural	Sudeste da Austrália e Tasmânia.
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Segundo Weber (2000), sendo nativa na Austrália, foi introduzida na Nova Zelândia, Sul da Europa e África do Sul, referindo-a como invasora na Nova Zelândia e na própria região nativa – Austrália. No entanto, sabemos que além destas zonas também é invasora em Portugal.
Distribuição em Portugal	Ocorre no Minho, Douro Litoral, Beira Litoral e Estremadura, Ribatejo, Baixo Alentejo e Algarve
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Foi introduzida para fins ornamentais. É usada para formar sebes em sítios ventosos, principalmente próximo do litoral.
Impactos da introdução	As manchas densas desta planta reduzem a riqueza específica e eliminam a vegetação nativa. As sementes viáveis por um longo período, uma vez libertadas, germinam rapidamente, o que facilita a invasão desta espécie.
Características que facilitam a invasão	Pouco exigente, forma manchas mono específicas, sementes viáveis durante muito tempo e com Grande capacidade de germinação
Informação adicional	
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. Weber, E. 2003. Invasive Plant Species of the World – A Reference Guide to Environmental Weeds. CABI Publishing. Switzerland. Pág. 189. ISBN 0851996957
Web sites consultados	www.uc.pt/invasoras http://protea.worldonline.co.za/needle.htm http://www.ars-grin.gov/cgi-bin/npgs/html/taxon.pl?447100#dist

Nome científico	<i>Hakea sericea</i>
Nome vulgar	Espinheiro-bravo
Família	Proteaceae
Ecologia da espécie	É uma espécie resistente ao vento e à seca que vive em solos arenosos e xistosos. Dá-se em áreas perturbadas, como margens de estradas e caminhos, surgindo ocasionalmente indivíduos isolados em áreas de vegetação arbustiva e arbórea relativamente não perturbada.
Distribuição natural	Sul da Austrália
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Segundo Weber (2000), sendo nativa na Austrália, foi introduzida na Nova Zelândia, Sul da Europa e África do Sul, referindo-a como invasora na África do Sul e na própria região nativa – Austrália. No entanto, sabemos que além destas zonas também é invasora em Portugal.
Distribuição em Portugal	Ocorre no Minho, Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo, Baixo Alentejo e Algarve.
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Foi introduzida para fins ornamentais e muito utilizada para formar sebes de protecção.
Impactos da introdução	Esta espécie forma bosquetes densos e impenetráveis, contribuindo para a pobreza específica nativa. Assim, afecta a vida selvagem reduzindo a água disponível e aumentando a probabilidade de incêndios, os quais, por sua vez, facilitam a projecção de sementes para Grandes distâncias, podendo gerar novos focos de invasão.
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. Weber, E. 2003. Invasive Plant Species of the World – A Reference Guide to Environmental Weeds. CABI Publishing. Switzerland. Pág. 189. ISBN 0851996957
Web sites consultados	www.uc.pt/invasoras http://www.anbg.gov.au/gnp/gnp3/hakea-sericea.html

Nome científico	<i>Hedychium gardnerianum</i>
Nome vulgar	Roca da Velha (Açores)
Família	
Ecologia da espécie	Ocorre em áreas agrícolas, florestais, costeiras, urbanas, etc. cresce em zonas abertas com luz, preferindo climas temperados. Contudo também cresce rapidamente debaixo das copas das árvores.
Distribuição natural	Este da Índia
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Micronésia, Ilhas Cook, Polinésia Francesa, Havai, Nova Zelândia, Reunião, África do Sul, Jamaica, Portugal
Distribuição em Portugal	Portugal Continental, Açores e Madeira
Ano da confirmação em Portugal	Sec. XIX
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Coloniza rapidamente qualquer área desflorestada. Ocupa habitats de espécies autóctones.
Características que facilitam a invasão	Grande capacidade de reprodução através de rizomas, dispersão das sementes através de aves
Informação adicional	Lista negra preliminar de EEI para Espanha; 100 + IUCN
Bibliografia consultada	Sjögren Erik, Plantas e Flores dos Açores. Edição de Autor 2001. SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	http://www.issq.org/database/species/ecology.asp?si=57&fr=1&sts=ts&%20ang=EN...

Nome científico	<i>Hydrilla verticillata</i>
Nome vulgar	
Família	
Ecologia da espécie	Planta aquática, com ramos leves que flutuam à superfície. Ocorre em habitats estuarinos, lagos, cursos de água e zonas húmidas. Tolerante a salinidades a cima de 7%. Não necessita de muita luz. Reproduz-se vegetativamente através de fragmentos viáveis. Também se reproduz através de sementes
Distribuição natural	Ásia e Norte da Austrália
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Todos os continentes excepto Antárctida
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	Compete com as espécies aquáticas autóctones e forma matas densas que dificultam o acesso à luz do sol às restantes espécies, reduzindo as plantas aquáticas e a biodiversidade animal. Dificulta a realização de actividades aquáticas como a pesca, barcos a motor, natação. Pode causar problemas em canais de irrigação. Bom habitat para desenvolvimento de mosquitos
Características que facilitam a invasão	Dispersão de fragmentos de plantas pela corrente. Transporte pelo barcos. Utilização em aquariorfilia
Informação adicional	Lista negra preliminar para Espanha
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	http://www.issq.org/database/species/ecology.asp?si=57&fr=1&sts=ts&%20ang=EN...

Nome científico	<i>Impatiens glandulifera</i>
Nome vulgar	
Família	
Ecologia da espécie	Crescimento rápido, mas reproduz-se essencialmente por semente, que são transportadas pela água. Habita meios frescos e húmidos como as margens dos rios e canais e florestas aluviais.
Distribuição natural	Himalaias
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	América do Norte e Europa
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	
Bibliografia consultada	Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Plantes envahissantes de la région méditerranéenne
Web sites consultados	http://www.ame-lr.org/plantesenvahissantes/index.html

Nome científico	<i>Ipomoea acuminata</i>
Nome vulgar	Bons-dias
Família	Convolvulaceae
Ecologia da espécie	Reproduz-se tanto por sementes, como vegetativamente por estacas. Não suporta o frio. Quando as condições lhe são favoráveis cresce muito rapidamente, formando densas matas que cobrem grandes áreas de terreno
Distribuição natural	Zona Tropical da América do Sul, Ásia e Havai
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	USA, Ilhas do Pacífico (Tonga), Europa (França, Córsega, Itália, Sicília e Malta, Portugal.
Distribuição em Portugal	Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo, Baixo Alentejo, Algarve
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Ocupa habitats de espécies autóctones
Características que facilitam a invasão	Rápido crescimento vegetativo
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Lantana camara</i>
Nome vulgar	Lantana camara
Família	<i>Verbenaceae</i>
Ecologia da espécie	Floresce durante a maior parte do ano, estudos citológicos mostram a existência de indivíduos diplóides, triplóides e tetraplóides. Reproduz-se sexualmente e vegetativamente. A reprodução vegetativa permite a sobrevivência dos poliploides estéreis, pelo que a sua variabilidade genética pode ser bastante alta. Existem cultivares com flores de cores variadas com grande capacidade para colonizar os locais onde são introduzidas. Grande toxicidade, pelo que é recusada pelos herbívoros. Pouco resistente à sombra.
Distribuição natural	América tropical, da Geórgia e Florida até à Argentina
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	África subsaariana, e áreas tropicais, subtropicais e temperadas da Ásia, Austrália e Oceânia. Espanha, Itália e Portugal.
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Diminui a produção de pastos e bosques, invadindo ecossistemas alterados e abertos, produzindo efeitos alelopáticos nas espécies pré-existentes
Características que facilitam a invasão	Rebenta facilmente após o corte e os ramos caídos desenvolvem facilmente raízes
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente em Espanha. 100+ UICN
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/);

Nome científico	<i>Lonicera japonica</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Caprifoliaceae</i>
Ecologia da espécie	Trepadeira. Floresce de Maio a Setembro. Cultivada resiste bem a temperaturas baixas, suportando geadas não muito intensas. No estado silvestre ou naturalizado, necessita de climas temperados sem Grandes amplitudes térmicas e com pouca humidade.
Distribuição natural	Ásia (Japão, China e Coreia)
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	América do Norte, Porto Rico, América do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Havai, Ilhas do Pacífico, Norte de África e Europa (Grã Bretanha, Alemanha, Suíça, França, Itália, Portugal, Córsega, Malta e Chipre)
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Como trepadeira que é, envolve o hospedeiro acabando por mata-lo. Compete com as espécies nativas por luz e nutrientes
Características que facilitam a invasão	Dispersão das sementes através da fauna
Informação adicional	
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/) ;

Nome científico	<i>Ludwigia peploides</i>
Nome vulgar	
Família	
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	Austrália
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Nova Zelândia
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	
Bibliografia consultada	Cronk Quentin CB, Fuller Janice L - Plant Invaders, The threat to Natural Ecosystems. People and Plants, Conservation Manual. Earthscn Publications Ltd, London and Sterling, VA. 2001.
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Ludwigia uruguayensis</i>
Nome vulgar	
Família	
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	
Bibliografia consultada	
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Myriophyllum aquaticum</i>
Nome vulgar	Milefólio-aquático, Pinheirinha-de-água
Família	<i>Haloragaceae</i>
Ecologia da espécie	Planta aquática. Desenvolve-se bem com boa luz e um ambiente alcalino. As plantas são femininas, não existem plantas masculinas fora da América do Sul. Os rizomas funcionam como suporte estrutural para as raízes adventícias. Reproduz-se vegetativamente.
Distribuição natural	América do Sul
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	América do Norte, Austrália, Nova Zelândia e Java
Distribuição em Portugal	Minho, Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo, Alto Alentejo
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Aquariorfilia/aquariófila
Impactos da introdução	Desenvolve-se em ecossistemas aquáticos, como lagos, lagoas, charcos, canais de rega, etc. As populações podem ser muito grandes e densas, alterando as características físico-químicas destes ecossistemas prejudicando a fauna e flora autóctone. Para além disso, estas massas flutuantes de plantas servem de habitat para larvas de mosquitos e impedem a realização de actividades de recreio aquáticas.
Características que facilitam a invasão	Rápido crescimento, reprodução por fragmentos fora da área de distribuição
Informação adicional	Lista negra preliminar de EEI para Espanha
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/) ;

Nome científico	<i>Nicotiniana glauca</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Solanaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se por semente facilmente dispersada pelo vento. Pega facilmente de estaca. Elevada produção de sementes. Crescimento rápido. Em condições favoráveis, no primeiro ano as jovens plantas podem crescer até 3 metros de altura e dar flor.. Pouco tolerante à salinidade. Não suporta encharcamento do solo. Resistente à seca e às altas temperaturas. Indiferente à composição mineralógica do solo
Distribuição natural	Argentina, Paraguai e Bolívia
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Naturalizada em quase toda a orla Mediterrânea, Estados Unidos (Havai, Califórnia, Florida, etc.) México, África do Sul, Namíbia, Austrália, Nova Zelândia, Índia, Indonésia, etc.
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Grande capacidade de colonização.
Características que facilitam a invasão	Pega facilmente de estaca, elevada produção de semente. Grandes crescimentos
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente em Espanha
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Opuntia ficus-indica</i>
Nome vulgar	Figueira-da-índia
Família	<i>Cactaceae</i>
Ecologia da espécie	Grande capacidade de reprodução, tanto por semente como devido à capacidade de enraizamento das partes que se desprendem da planta mãe. As sementes, uma vez separadas da polpa podem manter-se num estado vegetativo durante muito tempo. Muito resistente à seca e a ventos marítimos. Desenvolve-se em latitudes, ladeiras solarengas, áreas agrícolas abandonadas, margens de caminhos e zonas degradadas. Muito resistente à seca e aos fortes ventos marítimos. Suporta geadas em condições de baixa humidade atmosférica, desde que não sejam prolongadas. Necessita de muita luz. Tolerante solos hidromorfos e mal drenados.
Distribuição natural	América tropical desde o México até à Colômbia.
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, África do Sul, Costa do Mar Negro, Havai, América do Norte (Califórnia, Arizona, Florida, Novo México, Carolina do Norte e Texas), Antilhas (Porto Rico), Ásia Ocidental (Arábia, Iraque e Síria) e Sudoeste da China incluindo a parte Sul-oriental do Tibete
Distribuição em Portugal	Todo o País, excepto Minho e Douro Litoral
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Em zonas áridas compete com a vegetação autóctones, impedido a sua regeneração
Características que facilitam a invasão	Grande capacidade de reprodução, tanto por semente como devido à capacidade de enraizamento das partes que se desprendem da planta mãe. As sementes, uma vez separadas da polpa podem manter-se num estado vegetativo durante muito tempo. A sua presença massiva, pode ser perigosa para animais selvagens e para os humanos. Diminui as áreas de pasto.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente em Espanha
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillettí, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Plantes envahissantes de la région méditerranéenne. Global Invasive Species Database. GEIB (2006) TOP 20: Las 20 especies exóticas invasoras más dañinas presentes en España. GEIB, Série Técnica N 2. Pp.:116
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/); http://www.masmar.com/files/TOP20_final_2.pdf; http://www.ame-lr.org/plantesenvahissantes/index.html

Nome científico	<i>Oxalis pes-caprae</i>
Nome vulgar	Erva-prata, erva-canária, trevo-azedo
Família	<i>Oxalidaceae</i>
Ecologia da espécie	Na Europa e América do Norte, não frutifica, propagando-se exclusivamente de forma vegetativa, através de bolbos que produzem mais de 20 "bolbinhos" por ano, que são dispersos sobretudo pelo homem através do transporte de substratos contaminados, das aves e do vento.
Distribuição natural	África do Sul
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Estados Unidos (Califórnia, Florida, Arizona) México, Argentina, Chile, Austrália, Tasmânia, Nova Zelândia, Ásia (Médio Oriente, Irão, Paquistão, Afeganistão, Japão) Norte de África, Europa Mediterrânea, Macaronésia e Bermudas. Nos últimos anos tem-se verificados a expansão da espécie para países mais frios como a República Checa.
Distribuição em Portugal	Todo o País, excepto Minho e Beira Alta
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	Erva daninha que prejudica as culturas agrícolas. Ocupam habitats da flora autóctone inibindo a sua germinação. O gado pode ficar intoxicado se consumir a planta em Grandes quantidades.
Características que facilitam a invasão	Fácil dispersão dos "bolbinhos" pelo homem.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente em Espanha
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Opuntia subulata</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Cactaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente em Espanha
Bibliografia consultada	Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Paspalum distichum</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Cyperaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Introduzido
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Paspalum vaginatum</i>
Nome vulgar	
Família	Cyperaceae
Ecologia da espécie	Reproduz-se através de propágulos assexuais através de rizomas
Distribuição natural	América do Norte
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Todo o mundo Pan tropical
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Relvados e campos de golfe
Impactos da introdução	Altera os ecossistemas de diversas maneiras. Forma uma cobertura mono específica do solo, ocupando o espaço de espécies autóctones. Diminuição de habitat para a fauna, reduzindo a biodiversidade.
Características que facilitam a invasão	Reprodução assexuada.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente.
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/) ; http://www.masmar.com/files/TOP20_final_2.pdf ;

Nome científico	<i>Phytolacca americana</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Cyperaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Pistia stratioides</i>
Nome vulgar	
Família	
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	Pantropical
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	África do Sul, Zâmbia, Malásia, Filipinas, Tailândia Austrália
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista negra preliminar de EEI para Espanha
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Cronk Quentin CB, Fuller Janice L - Plant Invaders, The threat to Natural Ecosystems. People and Plants, Conservation Manual. Earthscn Publications Ltd, London and Sterling, VA. 2001.
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Pittosporum undulatum</i>
Nome vulgar	
Família	
Ecologia da espécie	Ocorre em florestas naturais, zonas ripárias, áreas rurais perturbadas. Grande produção de sementes, em zonas com muita luz. Produz toxinas mas o grau de absorção nos humanos é baixa, causando no entanto alguns problemas. Os peixes são mais afectados por estas toxinas. As flores são normalmente unissexuais e são polinizadas por insectos. As sementes são dispersas por aves. As árvores rebentam de touça
Distribuição natural	Austrália
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Jamaica, África do Sul, Havai, Ilhas do Pacífico e Caraíbas, Ilhas Atlânticas e Portugal
Distribuição em Portugal	Beira Litoral, Estremadura, Açores e Madeira
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	As folhas contêm toxinas que inibem o crescimento de espécies autóctones.
Características que facilitam a invasão	Formam densas matas que impedem o crescimento de outras espécies
Informação adicional	Lista negra preliminar de EEI para Espanha
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Cronk Quentin CB, Fuller Janice L - Plant Invaders, The threat to Natural Ecosystems. People and Plants, Conservation Manual. Earthscn Publications Ltd, London and Sterling, VA. 2001.
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/); http://www.masmar.com/files/TOP20_final_2.pdf;

Nome científico	<i>Pueraria lobata</i>
Nome vulgar	
Família	
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Reynoutria japonica</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Polygonaceae</i>
Ecologia da espécie	Reproduz-se por via sexual ou vegetativa através dos seus rizomas, que formam uma rede densa no solo, facilitando a propagação. Reproduz-se vegetativamente através de fragmentos de rizoma, sendo disseminada pela água pelo homem, através da movimentação de terras. Ocorre em zonas com bastante água, e em ambientes perturbados e degradados. Cresce muito rapidamente produzindo uma folhagem densa que ensombra as restantes plantas. Produz substâncias tóxicas para as outras espécies inibindo o seu desenvolvimento. Necessita de climas húmidos, ou em ambientes mediterrâneos, de solos com humidade edáfica que compense o deficit hídrico. Suporta os frios inverniais. Prefere solos férteis ricos em azoto. Necessita de iluminação moderada. Nos ambientes ripícolas, é favorecida pela eutrofização das águas.
Distribuição natural	Japão, Coreia e China.
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Norte da Europa (Ilhas Britânicas, Alemanha, França, República Checa, Polónia, Suíça, Áustria Hungria, EUA, Sul do Canadá, e Nova Zelândia.
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Forragem e espécie melífera, depois como ornamental
Impactos da introdução	Compete com a vegetação autóctone, impedindo a sua regeneração e prejudica a fauna indígena, que não está preparada para utilizar esta planta, para além de provocar contaminação orgânica do solo devido à deficiente decomposição das suas folhas. Diminui a visibilidade nas estradas.
Características que facilitam a invasão	Reproduz-se por via sexual ou vegetativa através dos seus rizomas, que formam uma rede densa no solo, facilitando a propagação. Reproduz-se vegetativamente através de fragmentos de rizoma, sendo disseminada pela água pelo homem, através da movimentação de terras. Ocorre em zonas com bastante água, e em ambientes perturbados e degradados. Cresce muito rapidamente produzindo uma folhagem densa que ensombra as restantes plantas. Produz substâncias tóxicas para as outras espécies inibindo o seu desenvolvimento.
Informação adicional	
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006. Plantes envahissantes de la région méditerranéenne
Web sites consultados	http://www.ame-lr.org/plantesenvahissantes/index.html

Nome científico	<i>Ricinus communis</i>
Nome vulgar	Ricino
Família	<i>Euphorbiaceae</i>
Ecologia da espécie	Floresce de Maio a Dezembro, reproduz-se por semente. Apresenta um crescimento muito rápido, dificultando o desenvolvimento de espécies autóctones. Prefere climas quentes sem geadas. Aguenta bem a seca. Bastante indiferente à mineralogia dos terrenos. Arbusto que quando em condições edafo-climáticas favoráveis pode atingir porte arbóreo. As sementes são tóxicas para várias espécies, incluindo o homem.
Distribuição natural	Etiópia e Somália
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Norte de África, América (Estados Unidos, México, Guatemala, Porto Rico, Ilhas Galápagos, El Salvador, Argentina, Chile e Brasil) Europa do Sul (Albânia, Bulgária, Córsega, Sardenha, Creta, França, Portugal, Espanha, Itália, Sicília, Croácia, Roménia, etc.), Ásia (Israel, Índia, Malásia, Vietname, Japão), Pacífico (Havai) e Macaronésia (Açores e Canárias)
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Planta medicinal
Impactos da introdução	Dificulta o desenvolvimento de espécies autóctones
Características que facilitam a invasão	O seu rápido crescimento elimina as plântulas das espécies autóctones, por ensombramento
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/) ;

Nome científico	<i>Robinia pseudoacacia</i>
Nome vulgar	Robínia, acácia-bastarda, Falsa acácia
Família	<i>Fabaceae</i>
Ecologia da espécie	Ocorre nas margens das estradas e linhas de água. Flores polinizadas por insectos, nomeadamente por abelhas. Também se reproduz vegetativamente. A semente é viável durante 10 anos e quando germina em terrenos favoráveis, os crescimentos podem ser de 1 metro por ano, pelo que a reprodução pode começar aos 6 anos de idade. No entanto a reprodução vegetativa, através de rebentos nas raízes, ou do cepo, é a mais importante e inicia-se aos 4-5 anos de idade. Sendo uma leguminosa pode utilizar o azoto atmosférico fixado pelas micorrizas para o seu crescimento. Necesita de sol. Encontra-se facilmente em áreas degradadas e campos agrícolas abandonados.
Distribuição natural	Centro e zona Este da América do Norte
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Áustria, Itália, República Checa, Eslovénia, Moldávia, Alemanha, Portugal, França, Grã-bretanha, Hungria, Grécia, Turquia, Israel, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, etc.
Distribuição em Portugal	Trás-os-Montes (Alto Douro), Douro Litoral, Beira Alta, Beira Baixa, Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo, Alto Alentejo.
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental, estabilização de solos secos, florestal
Impactos da introdução	Compete com as espécies autóctones. Modifica os ecossistemas que coloniza. Produz uma toxina que pode causar gastroenterites em caso de ingestão
Características que facilitam a invasão	Sucesso da reprodução vegetativa
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é recomendável em situações particulares
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. Bingre P, aguiar C, espirito-Santo d, Arsénio P & Monteiro-Henriques T [Coord.s Cient.]. (2007): guia de Campo - As árvores e os arbustos de Portugal continental. 462 pp. In vol. IX dea Sande Silva J [Coord. Ed.] (2007): coleção Árvores e Florestas de Portugal. Jornal Público/ Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento/ Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa. 9 vols.; SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.&. SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006 Global Invasive Species Database. GEIB (2006) TOP 20: Las 20 especies exóticas invasoras más dañinas presentes en España. GEIB, Série Técnica N 2. Pp.:116
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/) ;

Web sites consultados	-
Nome científico	<i>Sagittaria latifolia</i>
Nome vulgar	
Família	
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Senecio bicolor</i>
Nome vulgar	Senécio
Família	<i>Asteraceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	Região Mediterrânea Central e Oriental
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	Minho, Douro Litoral, Beira Baixa, Estremadura, Beira Litoral
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	
Informação adicional	
Bibliografia consultada	<p>Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra.</p> <p>SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp.</p> <p>Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006</p>
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Senecio inaquidens</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Asteraceae</i>
Ecologia da espécie	Polinização por insectos. Os seus aquénios são muito leves e facilmente transportados pelo vento, tornando a disseminação muito Grande. As sementes duram dois anos e a germinação é rápida e massiva. Cresce bem em ambientes abertos e perturbados, desde o litoral até 1900 metros de altitude. Desenvolve-se ao longo das margens das estradas, em terrenos agrícolas, dunas, falésias e charcos temporários mediterrâneos. bastante resistente, quando cortada ou predada por herbívoros, rebenta facilmente. A sua colonização é favorecida por factores como disponibilidade hídrica.
Distribuição natural	África do Sul
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Europa, Austrália e Argentina
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Acidental
Impactos da introdução	As Grandes manchas populacionais que forma, ocupam os habitats de espécies autóctones, diminuindo a biodiversidade. Constitui uma erva daninha em vinhas. Contém alcalóides tóxicos que não devem ser ingeridos pelos mamíferos. Estas toxinas podem ser encontradas no mel quando a espécie é utilizada para apicultura.
Características que facilitam a invasão	Grande capacidade de dispersão e formação de matas densas.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/) ;

Nome científico	<i>Sorghum halepense</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Graminaceae</i>
Ecologia da espécie	Alta produção de sementes e um sistema extensivo de rizomas torna a sua erradicação difícil. Ocorre em áreas agrícolas e meios rurais perturbados. Intolerante ao calor e à seca. As sementes podem-se manter viáveis por um período de 5 anos.
Distribuição natural	Região mediterrânea da Europa e Síria.
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Todo o mundo
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Forragens
Impactos da introdução	Grande toxicidade, aumento do risco de incêndio durante o verão, Grande competitividade com espécies autóctones. Reduz a fertilidade do solo, funciona como hospedeiro para agentes patogénicos de cereais e causa alergias.
Características que facilitam a invasão	Elevada produção de sementes e reprodução vegetativa
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar para Espanha
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	Global Invasive Species Database (http://www.issg.org/database/);

Nome científico	<i>Spartina densiflora</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Poaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	América do Sul Temperada
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	
Distribuição em Portugal	Algarve
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Acidental
Impactos da introdução	
Características que facilitam a invasão	Crescimento muito rápido
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar para Espanha
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zillett, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Tropaelum majus</i>
Nome vulgar	
Família	<i>Tropaelaceae</i>
Ecologia da espécie	
Distribuição natural	América do Sul (do Peru à Colômbia)
Estatuto Proposto	Risco Ecológico
Distribuição como espécie não indígena	Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, EUA (Califórnia), Porto Rico, Ilhas Galápagos, Europa (Grã Bretanha, Portugal, Itália, Espanha), América do Sul (Chile)
Distribuição em Portugal	
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Planta Ornamental
Impactos da introdução	Competição com a flora autóctone
Características que facilitam a invasão	Reproduz-se por semente e também vegetativamente
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente em Espanha.
Bibliografia consultada	SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-

Nome científico	<i>Tradescantia fluminensis</i>
Nome vulgar	Tradescância
Família	<i>Commelinaceae</i>
Ecologia da espécie	Forma tapetes que cobrem o solo. Ocorre em florestas naturais, zonas ripárias, áreas rurais perturbadas, áreas urbanas e zonas húmidas. Reproduz-se vegetativamente através de talos com grande capacidade de produzir raízes. Produz sementes bissexuais. Dispersão pela água dos rios. Rápido crescimento. Vulnerável a geadas. Níveis médios de iluminação. Prefere substratos ricos em matéria orgânica, mas pode sobreviver em solos arenosos, desde que disponha de água. Indiferente à composição mineralógica do solo
Distribuição natural	do Sudoeste do Brasil à Argentina
Estatuto Proposto	Invasora
Distribuição como espécie não indígena	Estados Unidos (Florida, Carolina do Norte, Califórnia) Austrália, Nova Zelândia, Japão, Europa (Portugal, Espanha, Córsega, Itália) Macaronésia.
Distribuição em Portugal	Minho, Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Alta Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo
Ano da confirmação em Portugal	
Motivo da introdução	Ornamental
Impactos da introdução	Impede a instalação de espécies autóctones e diminui a biodiversidade.
Características que facilitam a invasão	Dispersão pelo homem, gado e maquinaria agrícola.
Informação adicional	Lista preliminar de EEI estabelecidas em Espanha. Lista negra preliminar de EEI para Espanha. Lista preliminar de EEI cuja erradicação é urgente em Espanha.
Bibliografia consultada	Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas Invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra. SANZ ELORZA M., DANA SÁNCHEZ E. D.& SOBRINO VESPERINAS E., eds. 2004. Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidad. Madrid, 384 pp. Marchante, H.; Marchante, E. e Freitas, H. 2005. Plantas invasoras em Portugal – fichas para identificação e controlo. Ed. dos autores. Coimbra; Argüelles, Laura Capdevila; García, Ángela Iglesias; Orueta, Jorge F. e Zilletti, Bernardo - Espécies Exóticas invasoras: Diagnóstico y bases para la prevención e el manejo. Ministério de Médio Ambiente. Dirección General para la Biodiversidad. Naturaleza y Parques Nacionales. Série Técnica. 2006
Web sites consultados	-